
MULHERES E PROFESSORAS: UMA ANÁLISE DA DOCÊNCIA FEMININA NA REGIÃO DE ITUVERAVA / SP

JABUR, Ana Maria Ribeiro Tanajura¹
DAVID, Alessandra²

Recebido em: 2011-07-30

Aprovado em: 2011-10-26

ISSUE DOI: 10.3738/1982.2278.640

RESUMO: O artigo analisa a situação da mulher na sociedade brasileira, levando em consideração a herança histórica da civilização ocidental. Discute-se o processo de feminização da carreira docente, apresentando resultados de pesquisas a esse respeito: a primeira delas, realizada na FFCL de Ituverava/SP, que levanta o número de alunos dos cursos de Licenciatura em 2011; a segunda, realizada entre as escolas estaduais de Ensino Básico supervisionadas pela Diretoria de Ensino da Região de São Joaquim da Barra/SP, evidencia o número de professores de ambos os sexos. Conclui-se que a maioria dos educadores da região é composta por mulheres e que essa situação tende a se perpetuar, já que a maioria dos estudantes da instituição de ensino superior analisada é também composta por mulheres.

Palavras Chave: Mulheres. Professoras. Magistério.

SUMMARY: The article examines the situation of women in Brazilian society, taking into account the historical heritage of Western civilization. It discusses the process of feminization of the teaching carrier, presenting research results in this regard: the first one, held in the FFCL Ituverava / SP, raises the number of students of *Licenciatura* in 2011; the second, held among state schools in basic education under the supervision of the *Diretoria de Ensino* of the Region of São Joaquim da Barra / SP, shows the number of teachers of both sexes. It is concluded that most educators of the region are women and that this situation tends to perpetuate itself, since most students of the higher education institution analyzed are also women.

Keywords: Women. Teachers. Teaching

INTRODUÇÃO

O objetivo do presente artigo é analisar a situação da mulher na carreira docente. Pretende-se discutir a situação atual da formação docente oferecida pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ituverava/SP³ e sua abrangência na região.

Inicialmente é preciso situar a FFCL e sua região. Trata-se de uma região do nordeste do Estado de São Paulo, enriquecida pela cultura canavieira. A instituição de ensino superior

¹ Mestre em Educação. Profª da FE/FFCL-Ituverava

² Alessandra David é pedagoga e historiadora, Doutora em Educação Escolar e professora do Programa de Mestrado em Educação do Centro Universitário Moura Lacerda de Ribeirão Preto/SP. E-mail: davidallessandra@uol.com.br

³ No decorrer do texto a instituição será denominada pela sigla FFCL.

foi fundada e é mantida pela Fundação Educacional de Ituverava e, desde seu início, oferece cursos de Licenciatura. A maior parte dos egressos desses cursos trabalha como professor nas escolas da mesma região.

Nesse sentido, para a consecução dessa pesquisa, coletamos junto à secretaria da FFCL dados acerca do alunado de 2011, nos quais pudemos quantificar a prevalência do sexo feminino entre os alunos (as) de Licenciatura.

Igualmente, enviamos via e-mail questionários com questões fechadas às escolas estaduais ligadas à Diretoria de Ensino da Região de São Joaquim da Barra, que supervisiona escolas de doze municípios da região, incluindo o município de Ituverava. Assim, além de Ituverava, pudemos colher dados das escolas estaduais paulistas nas cidades de São Joaquim da Barra, Igarapava, Aramina, Buritizal, Miguelópolis, Guará, Ipuã, Orlândia, Morro Agudo, Sales Oliveira e Nuporanga. A pesquisa evidenciou a conhecida realidade: os trabalhadores em Educação são em sua maioria, mulheres.

De fato, é amplamente conhecido o fenômeno da feminização do magistério. Mas, qual é o significado dessa constatação? Por quais motivos as mulheres são maioria no setor educacional atual? Um breve olhar para nossa história se torna necessário. Feito isso, observa-se que a mulher sempre ocupou posição subalterna em praticamente todas as sociedades do passado humano. Como isso mudou? Terá realmente mudado?

HERANÇAS HISTÓRICAS

No século XX ocidental, por razões diversas, que vão desde as necessidades do mercado de trabalho no sistema capitalista, até a revolução cultural deflagrada pela descoberta da pílula anticoncepcional, as mulheres começaram a tomar consciência de sua condição sócio-histórico-cultural. Esse processo de conscientização configurou-se no chamado movimento feminista⁴, que reivindicou os direitos sociais das mulheres e que, assumindo formas diversas, ainda se processa em nossos dias.

No século XX, quando a mulher intensificou sua jornada em direção ao mercado de trabalho, o magistério foi uma das primeiras áreas de atuação em que sua presença foi aceita. Porém, nem sempre foi assim. Na Bíblia, por exemplo, em uma das cartas de São Paulo, lê-se: “Durante a instrução a mulher conserve o silêncio, com toda submissão. Eu não permito que a

⁴ “O movimento feminista dos anos 1960 e 1970 foi decisivo, mas não o único a contribuir para maior visibilidade feminina. As mudanças sociais, as necessidades de educação, as exigências do mercado de trabalho, as transformações políticas e econômicas, os meios de comunicação também foram imprescindíveis para a emergência de um novo olhar para o sexo feminino, mas foi o feminismo como ação política que veiculou uma nova ideologia na qual se considerava que o mundo era formado pelos dois sexos, existindo entre eles relações de poder que produziram a desigualdade” (ALMEIDA, 2006, p. 97-98).

mulher ensine ou domine o homem. Que ela conserve, pois, o silêncio” (1 TIMÓTEO, 2:11-12).

Mas, pressionadas pela necessidade de sobrevivência, pela descoberta da pílula anticoncepcional, pelo feminismo enfim, as mulheres não permaneceram em silêncio e lutaram pelo direito de trabalhar⁵, de viverem em condições iguais às dos homens. Essa conquista teve um alto preço. Na verdade, o que se descortinou para a mulher foi um período duro de dupla (ou tripla) jornada de trabalho. Ao trabalho fora de casa, somou-se o trabalho doméstico, ao qual o homem resiste ainda bravamente, recusando-se a enfrentá-lo. A carreira do magistério surgiu então como a opção ideal.

Inicialmente organizado em apenas um período do dia, a jornada parcial dava à mulher tempo disponível para as tarefas domésticas e para a educação dos filhos. No Brasil, desde o século XIX, temos professoras. Telles (2007) ao analisar mulheres intelectuais nesse século e citando o caso de Maria Firmina dos Reis em São Luis do Maranhão, observa que:

A professora morava e lecionava em casa, como era costume. Era reconhecida como Mestra Régia, o que na época significava professora formada e concursada em contraposição à professora leiga. Ensinar, mesmo sem preparo, foi para as mulheres [...] uma oportunidade de trabalho. As escolas normais, onde quer que surgissem, atraíam grande quantidade de moças, pois foram, durante anos, uma possibilidade de desenvolvimento pessoal e de carreira (p. 410-411)

Contudo, as famílias procuravam a educação formal principalmente para os filhos homens. Considerava-se dispensável às filhas a frequência a escola. Em Ituverava, por exemplo, pode-se observar que, segundo Pereira e Barrachi (1997), a primeira escola que surgiu no município, em 1851, era destinada apenas a alunos do sexo masculino. Entretanto, no século XX, as escolas já atenderiam a ambos os sexos e em 1977 (quando já fora deflagrado o movimento feminista) foi eleita a primeira vereadora, que, não por acaso, era uma professora: Aparecida Silva.

É preciso lembrar que o magistério é uma profissão que subentende cuidado e afeto. Tardif e Lessard (2009) enfatizam essa ideia ao tratarem da emoção intrínseca ao exercício da profissão. Na verdade, a educação verdadeira não funciona sem certa dose de amor. Os estudiosos citados observaram isso nas entrevistas que realizaram com professores, nas quais o amor pelos alunos foi uma constante na fala dos entrevistados. Em muitos casos, são os

⁵ Aqui é interessante lembrar que o Sistema Capitalista passava por grandes transformações que pressionaram a mão de obra feminina: “... a família perdeu a função básica de produção, assumindo o caráter de unidade de consumo dos bens produzidos fora do lar. Com isso, o trabalho feminino doméstico passou a ser desvalorizado, porque perdeu sua conexão direta com a esfera de produção econômica, fortalecendo a dependência da mulher em relação ao homem e modificando seu papel e status na família” (AZEVEDO; FERREIRA, 2006, p.11).

laços afetivos que marcam as relações entre professores e alunos que os levam a permanecer na profissão. Nas palavras dos autores citados:

Profissão impossível, dizia Freud a respeito da educação; certo, mas ensinar é também a mais bela profissão do mundo: todos aqueles e aquelas que a exerceram o podem confirmar.

[...]

O amor pelas crianças, às vezes, aparece como constitutivo de uma vocação... (TARDIF; LESSARD, 2009, p. 151)⁶.

Ainda sobre a feminização do magistério e sobre a afetividade que envolve a profissão, vale a pena levar em conta as palavras desses mesmos estudiosos, que observam:

Ainda hoje, 85% dos professores do primário e do secundário são mulheres. Ora, de diversas maneiras, essas tarefas lembram as tarefas domésticas, os preparativos da organização e da realização das coisas de casa, antes de as crianças acordarem e chegarem de volta. Existe como que uma continuidade entre o trabalho doméstico tradicionalmente feminino e essas pequenas tarefas efetuadas pela professora primária. Com efeito, também elas têm um caráter cíclico, devendo ser sempre retomadas e nunca concluídas; elas também são preparativos para outra coisa, não tendo valor senão em função daquilo que vem em seguida, enfim, muitas vezes, trata-se de coisas invisíveis – como o trabalho das mães de família [...]

[...] As tarefas invisíveis, o investimento afetivo, a ausência de resultados facilmente mensuráveis ou reconhecidos, a centralização no outro constituem traços típicos do trabalho tradicional das mulheres em nossas sociedades, tanto as mulheres do lar quanto as que trabalham no ensino, na saúde e em outros “serviços de ajuda” (TARDIF; LESSARD, 2009, p. 176).

Portanto, entre dificuldades financeiras e o afeto pelos alunos; entre alegrias e tristezas caminha a professora. A palavra deve estar mesmo no feminino, já que desde o século XX assiste-se ao aumento da presença da mulher na profissão docente. Muitos estudos foram realizados sobre a condição feminina no decorrer desse período, como os de Jane Soares de Almeida (2006) e os de Mary Del Priore (2007), entre outros. E eles evidenciaram, cada qual ao seu modo, a discriminação existente com relação à mulher.

Almeida (2006) lembra que “nas mais diversas culturas e ao longo dos séculos na sociedade organizada, as religiões sempre foram decisivas na definição de padrões comportamentais femininos” (p. 68). Essa afirmação faz lembrar a inegável herança cultural e o legado histórico machista da sociedade atual. Dessa forma, da religião judaica recebeu-se uma visão feminina bastante negativa. No Livro do Gênesis, Deus amaldiçoa a mulher, banida do paraíso por seus pecados:

⁶ Os autores complementam a ideia afirmando: “Os professores investem muito, emocionalmente falando, em seu trabalho: trata-se de um *trabalho emocional* “consumidor” de uma boa dose de energia afetiva [...] Na verdade, dificilmente os professores podem ensinar se os alunos não “gostarem” deles ou, pelo menos, não os respeitarem.

[...]

...Na realidade, não existe educação possível sem um envolvimento afetivo ou emocional dos alunos na tarefa. O que chamamos de “motivação” não é nada mais do que tal envolvimento (TARDIF e LESSARD, 2009, p. 159).

À mulher Ele disse:
Multiplicarei as dores de tuas gravidezes,
Na dor darás à luz filhos,
Teu desejo te impelirá ao teu marido
E ele te dominará (GÊNESIS, 3:16)

Por outro lado, em outras civilizações, tais como as de tradição muçulmana, essa visão negativa também está presente. Encontra-se no Alcorão, o livro sagrado dos muçulmanos, o trecho:

Os homens têm autoridade sobre as mulheres pelo que Deus os fez superiores a elas e por que gastam de suas posses para sustentá-las. As boas esposas são obedientes e guardam a sua virtude na ausência de seu marido, conforme Deus estabeleceu. Aquelas de quem temeis a rebelião, exortai-as, bani-as de vossa cama e batei nelas. Se vos obedecerem, não mais as molesteis. Deus é elevado e grande (4º sura, 33).

Já na tradição cristã, mais próxima da cultura brasileira, da mesma forma, lê-se em uma carta de Paulo de Tarso, endereçada aos cristãos de Éfeso:

As mulheres estejam sujeitas a seus maridos, como ao Senhor, porque o homem é a cabeça da mulher, como Cristo é a cabeça da Igreja e o salvador do Corpo. Como a Igreja está sujeita a Cristo, estejam as mulheres em tudo sujeitas a seus maridos (EFÉSIOS, 5: 22-24).

É sabido, portanto, do peso desta herança cultural milenar que é a sujeição feminina. Ela não é privilégio de nenhuma civilização em especial, mas há momentos históricos, nos quais essa realidade foi mais evidente. É o caso da Europa durante a Idade Moderna, período em que elas foram bastante perseguidas pelas Inquisições religiosas (tanto a católica, quanto a protestante), acusadas de feitiçaria e/ou bruxaria, conforme as análises das historiadoras Mary Del Priore e Laura de Mello e Souza. Segundo Del Priore (2007):

A naturalidade e a intimidade com que tratavam a doença, a cura, o nascimento e a morte tornavam-nas perigosas e malditas. Com a acusação de curandeirismo, eram duplamente atacadas: por serem mulheres e por possuírem um saber que escapava ao controle da medicina e da Igreja. O Tribunal do Santo Ofício foi o influente porta-voz do saber institucional na luta contra os saberes informais e populares (p. 108).

Mello e Souza (1987), por sua vez, afirma que a mulher foi muitas vezes identificada à figura da bruxa:

Essa figura estereotipada da bruxa já se encontrava definida no início da Época Moderna. Mulheres sozinhas, solteironas ou viúvas constituíam a maioria das acusadas nos processos que se desenrolaram na Europa de então. Se fossem feias e velhas, a suspeita ficava ainda mais forte (p. 15).

É possível continuar citando imagens femininas próprias a todas as religiões contemporâneas, que nada mais fazem do que reproduzir a visão masculina da mulher nas diferentes sociedades humanas em todas as fases da história da humanidade. Na atualidade podem-se citar países como a China e a Índia, em que o número de abortos de fetos femininos tem sido alto a ponto de causar desequilíbrio populacional, destruindo a proporcionalidade entre os sexos⁷.

Portanto, em muitas situações, o tratamento desigual permanece. Biderman e Guimarães (2004) afirmam que os fatores determinantes da desigualdade entre homens e mulheres no mercado de trabalho brasileiro atual são: discriminação e qualificação escolar. Seguem alguns recortes do estudo destes dois autores:

O fenômeno mais impressionante [...] ocorre quando observamos o grupo das mulheres brancas. [...] elas apresentam qualificação superior à dos homens brancos. Sendo assim, para a média, deveriam ter salários também superiores aos deles; não sendo este o caso, evidencia-se que a discriminação efetiva é maior que o diferencial de salários.

[...]

Ou seja, as mulheres – negras ou brancas – que conseguiram chegar aos 10% mais ricos do país tinham a qualificação necessária, estavam no local correto, não apresentavam problemas de inserção formal ou ocupacional, mas mesmo assim, recebiam salários inferiores aos dos homens (p.194).

E, finalmente concluem:

[...] ainda que a discriminação tenha caído nos últimos anos, [...] ela é extremamente elevada na escala superior da distribuição de renda, especialmente entre as mulheres e, dentre essas, notadamente entre as mulheres negras (p. 195).

A PROFESSORA NA ATUALIDADE

E quanto à mulher que trabalha na educação no século XXI? O que se pode destacar é que existe uma esmagadora maioria de mulheres entre os profissionais da educação. Essa constatação vem dos dados fornecidos por pesquisas sobre a realidade da profissão docente no Brasil. Uma delas, coordenada por Gatti e Barreto (2009) constatou que:

No que tange ao sexo do grupo, como é de conhecimento, a categoria de professores é majoritariamente feminina (segundo a Pnad 2006, 83,1% *versus* 16,9% do sexo masculino), apresentando algumas variações internas conforme o nível de ensino. É assim que a quase totalidade dos docentes na educação infantil (98%) é de mulheres, prosseguindo com uma

⁷ Sobre esse assunto ver: <http://www.terra.com.br/revistaplaneta/edicoes/449/artigo164016-3.htm> ou <http://noticias.r7.com/internacional/noticias/aborto-seletivo-pode-explicar-deficit-de-8-milhoes-de-meninas-na-india-20110525.html>

taxa de 88,3% no ensino fundamental como um todo e atingindo aí 93% entre os professores de 1ª a 4ª séries com formação de nível superior. No ensino médio, por sua vez, são encontradas as maiores proporções de docentes do sexo masculino entre todas as demais modalidades da educação básica: 33% *versus* 67% do feminino (p. 24).

Gatti e Barreto (2009) observam: as pesquisas indicam que na atualidade o magistério não é simplesmente um “bico”, mas uma profissão, uma ocupação essencial e, no caso das mulheres, “o magistério não facilitaria mais do que outras profissões a conciliação entre vida doméstica e profissional, uma das justificativas ainda hoje apontadas como uma das razões da feminização da categoria” (p. 21). Almeida (2006) também observa que para a classe média esse trabalho passou a ser importante para a renda familiar, ao afirmar que ela “[...] passa a considerar a utilidade do trabalho feminino como forma de a família alcançar maior bem-estar social” (p. 91). Segundo a mesma autora, “atualmente, não só a maioria dos lares de baixa renda como também os da classe média são sustentados com o trabalho feminino, e o magistério representa uma importante fonte de renda” (p. 96).

Mas, em termos salariais, a profissão deixa a desejar. Boing; Ludke (2004) comentam:

Não é difícil constatar a perda de prestígio, de poder aquisitivo, de condições de vida e, sobretudo, de respeito e satisfação no exercício do magistério hoje. [...] Há 30 ou 40 anos, o salário do professor, ou melhor, da professora primária, representava garantia de vida digna [...]. (p.2).

Atualmente assiste-se ao triste espetáculo da degradação contínua da profissão docente e pode-se dizer, junto com os estudiosos citados, que:

Talvez o aspecto mais básico e decisivo, com relação a um processo de declínio da ocupação docente [...] seja a decadência de seu salário e do que isso representa para a dignidade e o respeito de uma categoria profissional. [...] ela é visível ao observador comum, às famílias, aos próprios alunos, até à mídia, que acaba contribuindo para prejudicar ainda mais sua imagem (p. 5).

Questiona-se então: até que ponto a presença maciça das mulheres na educação terá contribuído para o achatamento salarial de toda a categoria? Azevedo e Ferreira (2006) afirmam que “a feminização acarretou a precarização do trabalho, o rebaixamento salarial e a estratificação social da carreira, tornando o magistério uma ‘semiprofissão’, cuja identidade e status social estariam definidos segundo relações de gênero e de poder vigentes [...]”. (p.15). Em outras palavras, ocorreu uma identificação ideológica entre o gênero feminino e a tarefa de educar (tarefa esta que, as mulheres desempenhavam com seus filhos, no seio da família).

Foi a oportunidade que primeiro surgiu para a mulher que buscou trabalho assalariado fora do lar. Essa foi a profissão socialmente aceita e moralmente permitida à mulher no início deste processo de profissionalização. Não havia mesmo muita escolha no século XIX e na primeira metade do século XX.

FFCL DE ITUVERAVA E OS CURSOS DE LICENCIATURA

Atualmente, no início do século XXI, os cursos que preparam para o magistério ainda são frequentados principalmente por mulheres. Esse fenômeno pode ser observado na FFCL de Ituverava, como se observa nos dados da Tabela 1:

Tabela 1: Quantidade de homens e mulheres cursando licenciatura na FFCL de Ituverava em julho de 2011.

Cursos	Nº de alunas – sexo feminino	Nº de alunos – sexo masculino	Total de alunos por curso	Porcentagem de mulheres por curso	Porcentagem de homens por curso
Letras	34	16	50	68%	32%
História	07	08	15	47%	53%
Matemática	11	05	16	69%	31%
Ciências Biológicas	60	27	87	69%	31%
Pedagogia (presencial)	155	01	156	99,4%	0,6%
Pedagogia (EAD)	100	09	109	91,7%	8,3%
Total Geral	367	66	433	84,8%	15,2%

Fonte: Secretaria da FFCL/FE

Portanto, com base nos dados levantados e organizados nessa tabela, constata-se que mais de dois terços dos alunos dos cursos de Licenciatura na FFCL de Ituverava em 2011 são mulheres, ou seja 84,8% deles. Essa maioria feminina é mais evidente no curso de Pedagogia (99,4% no curso presencial e 91,7% no curso a distância). Em números absolutos: em um universo de 265 estudantes apenas dez homens estão matriculados nesse curso.

Por outro lado, o curso de História é o que apresenta maior número de alunos do gênero masculino: 53%, ou seja, mais da metade deles. De qualquer forma, a conclusão a que se chega é a mesma: os futuros professores, a juventude que busca os cursos de Licenciatura é composta em sua maioria por mulheres. Esse fenômeno avisa que a tendência de o magistério permanecer em mãos femininas permanece verdadeira num futuro próximo na região de

Ituverava. Anuncia também uma baixa oferta de novos profissionais da educação na mesma região, considerando a pequena quantidade de estudantes de maneira geral em todos eles.

A PRESENÇA FEMININA NAS ESCOLAS DA REGIÃO DE ITUVERAVA

Essa feminização do magistério está bastante presente na região retratada por esse estudo, ou seja, a abrangida pela Diretoria de Ensino da Região de São Joaquim da Barra, à qual estão ligadas as escolas de ensino básico de Ituverava. Em levantamento realizado no mês de julho de 2011, nota-se essa realidade. Foram a ele incorporados todos os educadores: professores, coordenadores pedagógicos, diretores de escola e vice-diretores atuando nas escolas públicas estaduais da região.

O resultado da pesquisa realizada aparece na Tabela 2.

Tabela 2: Quantidade de educadores dos gêneros feminino e masculino por escola estadual na Diretoria de Ensino da Região de São Joaquim da Barra-SP em julho de 2011.

(Continua)

Escolas Estaduais	Município	Nº de docentes do sexo masculino	Nº de docentes do sexo feminino	Total de docentes por escola	Porcentagem de mulheres na docência
EE Cap. Antônio Justino Falleiros	Ituverava	14	47	61	77%
EE Dr. Willian Amin	Miguelópolis	10	28	38	74%
EE Martinho Sylvio Bizutti	Igarapava	8	25	33	76%
EE Francisco R. Soares Jr.	Buritizal	5	12	17	70,5%
EE Fábio José de Araujo	Aramina	3	24	27	89%
EE Marechal Rondon	Guará	8	25	33	76%
EE Profa. Genoveva Pinheiro Vieira de Vitta	São Joaquim da Barra	11	68	79	86%
EE Manoel Gouveia de Lima	São Joaquim da Barra	5	43	48	89,5%
EE Profa. Graziela Malheiro Fortes	São Joaquim da Barra	2	34	36	94%
EE Edda Cardozo de Souza Marcussi	São Joaquim da Barra	12	42	54	78%
EE Adolfo Alfeu Ferrero	São Joaquim da Barra	3	29	32	91%
EE Creso Antônio Filetti	São Joaquim da Barra	1	25	26	96%
EE Profa. Elza Miguel Francisco	São Joaquim da Barra	10	35	45	78%
EE Prof. Pedro Amauri Silva	São Joaquim da Barra	3	28	31	90%

Tabela 3: Quantidade de educadores dos gêneros feminino e masculino por escola estadual na Diretoria de Ensino da Região de São Joaquim da Barra-SP em julho de 2011.

(Conclusão)					
EE Sylvio Torquato Junqueira	São Joaquim da Barra	0	28	28	100%
EE Antônio Francisco D'Ávila	Ipuã	8	24	32	75%
EE Manoel Martins	Morro Agudo	16	32	48	67%
EE Profa. Neuza O. Mizuno	Morro Agudo	10	36	46	78%
EE Roberto Robazzi	Morro Agudo	4	13	17	76%
EE Dona Maria Carolina de Lima	Nuporanga	9	13	22	59%
EE Capitão Getúlio Lima	Sales Oliveira	10	28	38	74%
EE Oswaldo Ribeiro Junqueira	Orlândia	11	37	48	77%
Total Geral		163	676	839	80,5%

Fonte: Escolas estaduais da Diretoria de Ensino da Região de São Joaquim da Barra

Nota-se, portanto, que 80,5 % dos educadores que trabalham nas escolas da rede pública estadual de ensino são mulheres. Trata-se de porcentagem bastante expressiva. Apenas 19,5% são homens. Nessa pesquisa, realizada por meio de questão objetiva enviada por e-mail às escolas em julho de 2011, observa-se que as escolas que atendem alunos mais jovens, ou seja, aquelas que oferecem ensino fundamental – Ciclo I, a porcentagem de mulheres é maior. É esse o caso das seguintes escolas estaduais (abreviadas aqui pelas letras EE): EE Adolfo Alfeu Ferrero, EE Creso Antônio Filetti, EE Pedro Amauri Silva e EE Sylvio Torquato Junqueira, todas no município de São Joaquim da Barra e apresentando índices que variaram de 90% a 100% de mulheres em detrimento do gênero masculino.

Em vista do processo de municipalização do ensino público, que transferiu escolas estaduais para a gestão dos municípios, restaram na rede estadual apenas essas quatro escolas com exclusiva oferta de ensino de Ciclo I do nível fundamental. As demais oferecem o Ensino Fundamental Ciclo II e o Ensino Médio. De qualquer forma, em nenhuma das escolas pesquisadas o número de professores do gênero masculino foi maior que o feminino.

Por outro lado, se os Gestores e Professores Coordenadores Pedagógicos forem contabilizados à parte, verifica-se que a presença feminina aumenta para 88% do total de educadores que administram e coordenam o trabalho educacional nessas escolas. Em números absolutos: de um total de 74 educadores (distribuídos nas funções de direção, vice-direção e coordenação pedagógica), apenas nove são homens. Portanto, também a liderança do trabalho educacional está nas mãos das mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação é fundamental e não há vozes que discordem disso. Apesar de toda a sociedade reconhecer essa importância, na prática assiste-se nesse final da primeira década do século XXI a um rebaixamento da profissão docente, considerada como “menor” no processo produtivo capitalista, já que, embora, num sentido estrito e genérico, ela prepare trabalhadores para o mercado de trabalho, ela não produz lucro imediato. Sua ação só é percebida a longo prazo, e portanto, como afirmam Tardif; Lessard (2009, p.17), “os agentes escolares têm sido vistos como trabalhadores improdutivos”.

Entretanto, como lembram Gatti; Barreto (2009), no Brasil essa profissão assume grande importância não apenas sócio-cultural, mas também econômica, uma vez que os professores ocupam o 3º lugar no ranking de subconjuntos de ocupações. Segundo dados da Relação Anual de Informações Sociais (Rais), 8,4% dos empregos registrados em 2006 foram de professores.

Tardif; Lessard (2009) reafirmam a falsidade da visão curta que costumeiramente se tem a respeito da profissão docente afirmando:

[...] longe de ser uma ocupação secundária ou periférica em relação à hegemonia do trabalho material, o trabalho docente constitui uma das chaves para compreensão das transformações atuais da sociedade do trabalho. Esta tese se apóia em quatro constatações:

Primeira constatação: desde cerca de cinquenta anos, a categoria dos trabalhadores produtores de bens materiais está em queda livre em todas as sociedades modernas avançadas. [...]

Segunda constatação: na sociedade dos serviços, grupos de profissionais, cientistas e técnicos ocupam progressivamente posições importantes e até dominantes em relação aos produtores de bens materiais. Esses grupos criam e controlam o conhecimento teórico, técnico e prático necessário às decisões, inovações [...]

Terceira constatação: essas novas atividades trabalhistas estão relacionadas historicamente às profissões e aos profissionais que são representantes típicos dos novos grupos de especialistas na gestão dos problemas econômicos e sociais com auxílio de conhecimentos fornecidos pelas ciências naturais e sociais. [...]

Enfim, quarta constatação: entre as transformações em curso, parece essencial observar o crescente status de que gozam, na organização socioeconômica, nas sociedades modernas avançadas, os ofícios e profissões que tem seres humanos como “objeto de trabalho” (p. 17-19).

Segundo os autores citados, portanto, a profissão docente guarda em si um futuro promissor. E este futuro estará em mãos femininas.

Na região de Ituverava mais de 80% dos docentes atuantes nas escolas estaduais no ano de 2011 é composta por mulheres. Da mesma forma, cerca de 85% dos estudantes dos cursos de Licenciatura da FFCL de Ituverava são do sexo feminino. Se essa presença feminina tem “desmerecido” financeira e socialmente a profissão é uma discussão ainda em aberto. De

qualquer forma, a cada dia que passa a mulher tende a ocupar um lugar importante na sociedade brasileira, principalmente no setor fundamental da educação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. S. de. Mulheres na educação: missão, vocação e destino? In: SAVIANI, D. et al. **O legado educacional do século XX no Brasil**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2006

AZEVEDO, N.; FERREIRA, L. O.. Modernização, políticas públicas e sistema de gênero no Brasil: educação e profissionalização feminina entre as décadas de 1920 e 1940. **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 27, 2006.

BIDERMAN, C.; GUIMARÃES, N. A.. Na ante-sala da discriminação: o preço dos atributos de sexo e cor no Brasil (1989-1999). **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.12, n.2, maio – ago. 2004.

BOING, L. A.; LUDKE, M.. Caminhos da profissão e da profissionalidade docentes. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 25, n. 89, 2004. Disponível em:<
<http://www.scielo.br/pdf/%0D/es/v25n89/22616.pdf>> Acesso em: 20 dez. 2009.

CHALITTA, M. (trad.). **O Alcorão**. Rio de Janeiro: Record, [s.d.]

DEL PRIORE, M.. Magia e medicina na colônia: o corpo feminino. In: DEL PRIORE, M. (org.). **História das mulheres no Brasil**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

GATTI, Bernadete A.; BARRETO, Elba S. de Sá. **Professores do Brasil: impasses e desafios**. Brasília: UNESCO, 2009.

GIL, A. C.. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2007.

GIRAUDO, T. (dir./ edit.). **A bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 1995.

MELLO E SOUZA, L.. **A feitiçaria na Europa moderna**. São Paulo: Ática, 1987.

PEREIRA, A. H. B.; BARRACHI, S. B. M.. **História e geografia de Ituverava**. Ituverava: [s/ed.], 1997.

TELLES, N.. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, M. (org.). **História das mulheres no Brasil**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

TARDIF, M.; LESSARD, C.. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Petrópolis: Vozes, 2009.